

#05

QUADRIMESTRAL
MARÇO

EVERY FOUR MONTHS
MARCH

2023

Odemira Global

MIGRAÇÕES E TERRITÓRIO



MUNDO PLURAL, VIDAS SINGULARES
PLURAL WORLD, SINGULAR LIVES

Ana e Cláudio
Rima Rabeya

O MUNDO À MESA
THE WORLD AT TABLE

Pastéis de batata-doce
Sweet potato pasties

ODEMIRA GLOBAL CONVIDA
ODEMIRA GLOBAL INVITES

Telma
Guerreiro

COSTUMES E TRADIÇÕES
CUSTOMS AND TRADITIONS

Festival Holi
Holi Festival

04

Mundo Plural, Vidas Singulares
Plural World, Singular Lives



Ana e Cláudio



Rima Rabeya

15

Odemira Global convida...
Odemira Global invites...

Telma
Guerreiro



13

O mundo à mesa
The World at Table



Pastéis de batata-doce
Sweet potato pasties

19

Costumes e Tradições
Customs and Traditions

Festival Holi
Holi Festival



FICHA TÉCNICA
CREDITS

Odemira Global

Coordenação
Editorial Coordination
Mónica Correia

Colaboração
Collaboration
Ana Barrancos, Ana Paula
Correia, Ana Sofia Soares,
Ana Tendeiro, Andreia Santos,
Cláudio Patrício, Rima Rabeya,
Rodrigo Guerreiro,
Telma Guerreiro

Editor / Publisher
Município de Odemira
Odemira Municipal Council

Tradutor / Translation
Inpokulis Traduções

Design e produção gráfica
Graphic design and production
OCPRINT - soluções gráficas

Tiragem / Print run
2000 Exemplares / Copies

ISSN
2184-9846

Depósito legal / Legal deposit
490168/21



Nota de abertura Opening remarks

A Cultura e a Migração

“No final de tudo, acabamos sempre dependentes das nossas criações”
GOETHE

A Cultura é o maior património da sociedade!

Se procurarmos a origem da palavra **cultura**, depressa encontramos que surge do termo em latim *colere* que significa cuidar, cultivar e crescer.

É através da cultura que a sociedade se manifesta, sendo essencial para o ser humano adaptar-se às condições de existência e conseguir transformar a realidade. Ela é dinâmica, e definida pelas ciências sociais como um conjunto de símbolos, ideias, comportamentos, crenças e práticas sociais que são aprendidos e passados de geração em geração.

Se por um lado, a cultura está vincada pela construção histórica e por aquilo que define o indivíduo e a sociedade, por outro é evolutiva alterando-se ao longo dos tempos confrontando velhas crenças a novas situações.

Odemira tem apostado na cultura como fator de desenvolvimento do seu território, acreditando no poder da cultura na transformação da sociedade em todas as suas dimensões (económicas, turísticas, ambientais e sociais).

Na verdade, quando se fala em contribuir para o desenvolvimento do território, afirmamos a cultura como um veículo de excelência, para a integração e convivência intercultural, numa perspectiva de coesão social, num concelho como o de Odemira que alberga no seu território, cerca de 80 nacionalidades. Enfatizando-se nesta forma de fazer, os diversos projectos artístico-culturais que procuram o contexto da realidade migrante local, permitem agarrar a oportunidade de aproximar as diferentes culturas, por via da criação de espaços de encontro, livres e abertos que promovem o conhecimento e que dão a conhecer o “outro”, com o objetivo de ajudar a criar laços e comunicação entre si.

A partilha do conhecimento, da cultura, arte, dança, gastronomia (...) dos migrantes pode ser transformadora, na medida que potencia uma maior e melhor integração e valorização da sua identidade cultural. Este processo cultural, que é recíproco, é fundamental para o respeito e reconhecimento, valorizando o encontro e a superação de medos que estão no desconhecimento do e pelo “outro”. Por outro lado, é essencial que a comunidade migrante conheça e valorize a riqueza cultural de quem os acolhe.

A cultura tem pois, o poder e a capacidade de transformar e contribuir para a inclusão e coesão social, promovendo o conhecimento, o diálogo, a tolerância e o respeito. Mais ainda, quando as diversidades culturais são tão singulares, devendo nesses casos serem encaradas como oportunidades.

Todos os dias existe a oportunidade, de através da cultura, cuidar, cultivar e fazer crescer a coesão social, potenciando a construção de sociedades mais tolerantes e capazes de gerir os seus desafios.

Ana Soares
Chefe da Divisão da Cultura e Juventude

Culture and Migration

“At the end of it all, we always end up being dependent on our creations”
GOETHE

Culture is society’s greatest heritage!

If we try to find the origin of the word **culture** it doesn’t take long before we come across the Latin word *colere*, which means to care, cultivate and grow.

Society manifests itself through culture and it is essential for humans to adapt to the conditions of existence and succeed in transforming reality. Culture is dynamic and is defined by the social sciences as a set of symbols, ideas, behaviours, beliefs and social practices that are learned and passed on from generation to generation.

If, on the one hand, culture is marked by historical construction and by what defines individuals and society, on the other, it evolves and changes over time, confronting old beliefs with new situations.

Odemira has invested in culture as a factor in the development of its territory, believing in the power of culture to transform society in all of its dimensions (economic, tourist, environmental and social).

Indeed, when we speak of contributing to the territory’s development, we are affirming culture as a vehicle of excellence, for integration and intercultural coexistence, in a perspective of social cohesion, in a municipality like Odemira, whose territory is home to some 80 nationalities. Emphasising this approach, the various artistic and cultural projects that seek the context of the local migrant reality take the opportunity to bring different cultures closer together, through the creation of free and open meeting spaces that promote knowledge and familiarise people with the “other”, in an effort to help forge bonds and foster mutual communication.

The sharing of migrants’ knowledge, culture, art, dance and gastronomy can be transforming insofar as it fosters more and better integration and enhances the worth of their cultural identity. This cultural process, which is reciprocal, is fundamental for respect and knowledge; encounters are valued, as is the ability to overcome one’s fear of the unfamiliar that is embodied in and by the “other”. Furthermore, it is essential that migrant communities recognise and value the cultural riches of those who welcome them.

Culture has, then, the power and the capacity to transform and contribute to inclusion and social cohesion by promoting knowledge, dialogue, tolerance and respect. And this is truer still in cases of marked cultural differences, which should be looked upon as opportunities to be seized.

Indeed, opportunities arise on a daily basis, through culture, caring, cultivating and nurturing social cohesion, fostering the construction of societies that are more tolerant and capable of managing the challenges they face.

Ana Soares
Head of the Culture and Youth Division



Mundo Plural, Vidas Singulares

Plural World, Singular Lives

Num mundo plural damos a conhecer histórias singulares de migração de quem vai e de quem vem. Nesta edição Ana Tendeiro, Antropóloga do Município de Odemira, entrevista o casal Ana Barrancos e Cláudio Patrício, nos Países Baixos há 9 anos e Rima Rabeya, em Portugal há 6 anos.

In a plural world we tell the singular migration stories of people who come and go. In this issue, Ana Tendeiro, anthropologist for the municipality of Odemira, interviews Ana Barrancos and Cláudio Patrício, a couple who have been in Netherlands for nine years, and Rima Rabeya, who has been in Portugal for six years.

Ana e Cláudio

de Vila Nova de Milfontes para Roterdão

from Vila Nova de Milfontes to Rotterdam



Nunca foi opção ficarmos separados. A ideia foi sempre irmos em família (...)

There was never any question of us being apart. The idea was always that we would go as a family (...)



Ana Tendeiro - Quantos anos tem?

Cláudio Patrício - Tenho 48 anos.

AT - Com que idade emigrou?

CP - Com 39 anos.

AT - Porque é que emigrou?

CP - A principal razão foi porque andava à procura de outro desafio profissional.

AT - Tinha trabalho na altura?

CP - Tinha sim, eu era engenheiro mecânico na REN, no Terminal de Gás Natural de Sines.

AT - Estava à procura de novos desafios porquê? Estava saturado?

CP - Estava estagnado em termos de carreira e estava à procura de outra coisa que me desse satisfação profissional.

AT - Porque é que escolheu a Holanda?

CP - Não era só eu, a Ana também estava insatisfeita e à pro-

Ana Tendeiro - How old are you?

Cláudio Patrício - I'm 48.

AT - How old were you when you emigrated?

CP - I was 39.

AT - Why did you emigrate?

CP - The main reason was because I was looking for a new professional challenge.

AT - Were you working at the time?

CP - Yes; I was a mechanical engineer for REN, at the Natural Gas Terminal in Sines.

AT - Why were you looking for new challenges? Were you fed up?

CP - My career was stagnating and I was looking for something that would give me professional fulfilment.

AT - Why did you choose the Netherlands?

CP - It wasn't just me; Ana was unhappy too and looking for



cura de algo diferente, então decidimos ver o que havia disponível no mercado. Como na região de Odemira as oportunidades não eram muitas, no meu caso não há muita indústria, a solução seria ir para fora. Na altura, ponderámos onde é que haveria a oportunidade de irmos juntos, em família, surgiu a oportunidade da Holanda e mudámo-nos.

AT - E a Ana, estava a trabalhar ou estava desempregada?

Ana Barrancos - Eu estava a trabalhar, sou licenciada em Turismo e estava a trabalhar num hotel em Vila Nova de Milfontes.

AT - Então a decisão foi a de ir toda a família?

AB - Sim, nunca foi opção ficarmos separados. A ideia foi sempre irmos em família, por isso escolhemos um destino para onde pudéssemos ir todos.

AT - Imagino que não tenha sido fácil arranjar emprego para os dois ao mesmo tempo...

AB - Eu não fui logo trabalhar, a prioridade era o trabalho do Cláudio. Eu, inicialmente, abdiquei um pouco da minha profissão para dar apoio às minhas filhas que eram pequenitas, uma tinha 4 e a outra tinha 6 anos. Para o Cláudio se poder focar no trabalho dele, ainda fiquei 2 anos a orientar as minhas filhas, no fundo a integrar a família. Fiz eu essa parte e ele pôde focar-se no trabalho dele. Depois, quando entendemos que as nossas filhas já estavam integradas e não precisavam de tanta atenção, fui eu à procura de trabalho.

AT - E como foi com a língua, em relação aos adultos e em relação às crianças... O Cláudio chegou e foi logo trabalhar, falava holandês ou usou o inglês?

CP - O inglês e a Ana também.

AT - E hoje em dia continua a ser em inglês que comunica ou é em holandês?

CP - Continua a ser maioritariamente em inglês.

AT - E as vossas filhas?

AB - Em holandês. Nós chegámos em março e podemos dizer que em dezembro elas falavam bastante bem a língua. Neste momento elas falam melhor holandês que português. Mas têm aulas de português, no Instituto Camões que tem uma parceria com o Consulado e elas têm aulas de português ao sábado. Acharmos importante elas irem a essas aulas para não esquecer o português e para saberem também escrever. Embora falemos português em casa, nós falamos com elas em português e elas respondem em holandês e falam em holandês uma com a outra. Acharmos importante que falem com a família e que não se sintam estrangeiras quando vão a Portugal, queremos que elas se sintam em casa quando lá vão. Além disso, não sabemos o futuro, podem querer ir estudar para Portugal... É sempre bom manter, é a nossa língua.

AT - O que faz agora, também usa o inglês no trabalho?

AB - Sim, eu trabalho em turismo de negócios e a língua oficial da empresa é o inglês.

AT - Como é que entendem que se deu a adaptação da família? Foram os 4 ao mesmo tempo...

CP - Não, eu vim 2 meses antes. Quando decidimos vir, a empresa apoiou-nos na mudança, deram-me casa nos primeiros meses enquanto eu procurava casa para nós. Ajudaram-me também a marcar entrevistas nas escolas para as irmos conhecer antes de matricular as miúdas. Quando elas vieram estava tudo mais ou menos organizado.

AT - Quando foi para a Holanda já tinha contrato firmado, já tinha uma série de garantias...

AB - A empresa para onde o Cláudio foi trabalhar deu-nos bastante apoio. Eu vim cá uma semana para ir às entrevistas às

something different, so we decided to have a look and see what was on offer on the market. Since there weren't many opportunities in the Odemira area - in my case, there's not much industry - the answer was to move abroad. At the time, we considered where we could go together, as a family; the opportunity to go to the Netherlands came up and we took it.

AT - How about you, Ana? Were you working or were you unemployed?

Ana Barrancos - I was working. I have a degree in tourism and I was working at a hotel in Vila Nova de Milfontes.

AT - So the plan was for the whole family to move?

AB - Yes; there was never any question of us being apart. The idea was always that we would go as a family so that's why we chose somewhere we could all go together.

AT - I imagine it mustn't have been easy to find work for both of you at the same time...

AB - I didn't start working immediately. The priority was Cláudio's job. I put my career on hold for a bit at the start so that I could be there for our daughters, who were quite small - one was four and the other six. In order for Cláudio to be able to concentrate on his job, I stayed at home looking after the girls for two years. Getting the family settled, essentially. I did that part and he concentrated on his job. Then, once we felt the girls had settled in properly and didn't need as much attention, I went looking for a job.

AT - How did you all manage with the language? Cláudio, you started working as soon as you arrived. Did you speak Dutch or English?

CP - English; Ana did too.

AT - Is English the language you still use or do you speak Dutch now?

CP - It's still mostly English.

AT - How about your daughters?

AB - Dutch. We arrived in March and you could say that, by December, they were speaking the language fairly well. They actually speak better Dutch now than Portuguese. But they have Portuguese lessons at the Camões Institute, which has a partnership with the Consulate. They have Portuguese lessons on Saturdays. We think the classes are important for them so that they don't forget their Portuguese and so that they can learn to write it too. Although we speak Portuguese at home, we speak to them in Portuguese and they reply in Dutch and they speak Dutch to each other. We think it's important for them to be able to communicate with the family and not feel like foreigners when we visit Portugal. We want them to feel at home whenever they go there. Plus, you never know what the future will bring. They might want to study in Portugal one day... It's always good to keep it up; it's our language, after all.

AT - What do you do now? Do you speak English at work too?

AB - Yes. I work in business tourism and the official language at the company is English.

AT - How would you say you adapted as a family? All four of you went at the same time...

CP - No. I moved two months before Ana and the girls. Once we'd made our decision, the company provided support for the move. They gave me a house for the first few months while I looked for somewhere for us all to stay. They helped me make appointments at the schools so we could visit them before enrolling the girls. When the three of them arrived, everything was pretty much organised.

AT - You went to the Netherlands with a signed contract in your pocket, so that gave you a lot of certainty...

AB - The company that Cláudio went to work for gave us a lot of

escolas e isso foi tudo marcado pelos recursos humanos da empresa, que foram excelentes. A nossa casa, depois, fomos nós que arranjámos, mas facilita bastante vir, ter uma casa e estar à vontade com isso.

AT - O sentimento da família foi de aventura e entusiasmo ou foi de tristeza de deixar Portugal no momento da partida?
CP - Foi mais de aventura. Não houve tristeza, nem há. Foi uma decisão ponderada, um risco calculado, viemos ao que procurávamos, é diferente de vir e ter de fazer tudo...

AT - E as vossas filhas, como foi com elas? A mudança aconteceu a meio do ano letivo, ou no fim do ano?

AB - A Maria tinha só tinha 4 anos, ainda não tinha bem noção do que estava a acontecer. Viemos a meio do ano, em março, mas elas adaptaram-se muito bem. Quando viemos às entrevistas com as escolas, fizemos questão de que fossem inseridas no ano equivalente àquele em que estavam em Portugal. Uma andava na Pré-Primária e a outra no 1º ano.

AT - E foram para a escola logo em março ou esperaram pelo ano letivo seguinte?

AB - Foram em março. Chegámos na sexta-feira e foram para a escola na 2ª-feira, não tiveram descanso. Foram logo para a escola holandesa, e foi o melhor que aconteceu. Quando decidimos que vínhamos, elas aprenderam um bocadinho de holandês com uma senhora perto de São Luís, mas não percebiam muito bem porque é que estavam ali, foi uma coisa fraquinha. O diretor da escola cá foi excelente, os professores também, havia apoio especial para elas, foram inseridas nos respetivos anos e não perderam ano nenhum.

AT - Elas gostaram da escola nova?

CP - Sim, claro que há sempre um período de adaptação, mas foi relativamente rápido adaptarem-se.

AB - Nem tudo foi fácil, lembro-me que a Maria veio em março, fez 5 anos logo em abril e ela estava triste. Fizeram-lhe uma festa como fazem a todos os meninos, mas ela estava triste. Nós falámos com a professora, mais tarde, e lembro-me de nos ter dito que a Maria que tinha chegado em março não era a mesma que voltou em setembro, foi uma grande evolução... A Margarida tem uma maneira diferente de aceitar as coisas, não é de se queixar ou dar parte fraca, houve uma altura em que tinha vergonha de falar o holandês... mas não tinha alternativa, não sabia inglês e teve de se integrar. A escola foi excelente, houve uma altura em que eu ia uma vez por semana para a escola com elas para traduzir umas coisas...

AT - Alguma vez pediram para voltar?

CP - Não, as nossas filhas são um bocadinho como nós – é para fazer, é para fazer! E vamos lá! Estávamos juntos, todos nos tentámos adaptar. E havia também coisas que eram engraçadas, como andar de bicicleta. Em Portugal, os miúdos aprendem aí pelos 7 anos e com rodinhas, aqui todos os meninos andam de bicicleta logo com 4 anos e sem rodinhas. Então fomos todos fazer o esforço de andar de bicicleta sem rodinhas o mais rápido possível, pois era uma vergonha a comparar com os outros meninos. Os miúdos vão para a escola de bicicleta, e elas também iam, Verão ou Inverno, era o meio de transporte, há ciclovias e eles vão por aí.

AT - Vocês vêm com frequência a Portugal, vieram cá nesse primeiro Natal?

AB - Ainda não fomos passar o Natal a Portugal vez nenhuma (riem-se), tentamos ir uma vez por ano, no verão. Já tivemos anos em que fomos mais vezes, mas é raro, e no natal é a avó, a mãe do Cláudio, que vem cá. Acho que somos um bocadinho diferentes do típico, o meu irmão está aqui na Alemanha... Mas se não formos no verão, tentamos ir na primavera, até porque temos casa, temos amigos e gostamos de ir, claro que sim.

support. I came here for a week to go to the appointments at the schools and everything had been set up for us by the company's human resources department. They were great. We sorted out our own house later on but it was so much easier to arrive and already have a place to stay and not have to worry about it.

AT - How did you all feel on the big day? Did you set off from Portugal with a sense of adventure and enthusiasm or did you feel sad?

CP - It felt more like an adventure. We weren't sad and we're not sad now. It was a pondered decision, a calculated risk. We came for what we'd been looking for; it would have been different if we'd had to do everything from scratch...

AT - What about your daughters? How did the move go for them? Was it mid-way through the school year or at the end?

AB - Maria was only four so she didn't have any real notion of what was going on. We came mid-year, in March, but they adapted very well. When we visited the schools, we made it clear that we wanted them to be placed in the years that corresponded to the ones they were in in Portugal. One was in kindergarten and the other was in year one.

AT - Did they start school straight away in March or not until the new school year?

AB - They started in March. We arrived on a Friday and on the Monday they were at school. They had no time to rest. They started Dutch school straight away and it was the best thing we could have done. When we first decided on the move, they learned a little bit of Dutch from a lady near São Luís, but they didn't really understand why they were there so it wasn't very serious. The head of the school here has been great and so have the teachers. They set up special support for the girls and they were placed in the correct years without having to be held back.

AT - Did they like their new school?

CP - Yes; of course, you always need some time to adapt but, in their case, they managed it relatively quickly.

AB - It wasn't all plain sailing, though. I arrived with the girls in March and Maria turned five the very next month. She was sad. They had a party for her like they do for all the kids but she was sad. We spoke to the teacher later on and I remember her telling us that the Maria who had arrived in March wasn't the same as the one who came back in September; she had made great progress. Margarida takes things differently; she's not one to complain or show any weakness. There was a time when she felt shy about speaking in Dutch... but she didn't have any choice. She didn't speak English and she had to fit in. The school was great. There was a time when I would go with the girls once a week to school to translate some things...

AT - Did they ever ask to go back?

CP - No. Our daughters are a bit like us. If it's to be done, it's to be done! So let's get to it! We were together and we all tried to adapt. And there were some funny things as well, like riding bikes. Kids in Portugal learn to ride at about the age of seven and they use stabilisers. Here, they're all riding without stabilisers at four. So we all made the effort to ride without stabilisers as quickly as possible because otherwise it would have been an embarrassment riding alongside the other kids. Children ride their bikes to school here and our girls did too. Summer or winter, that was their means of transport. There's a cycle path and so that's where they ride.

AT - Do you come back to Portugal often? Did you come back that first Christmas?

AB - We haven't been back to Portugal for Christmas since we left (they laugh), but we try to visit once a year, in summer. There have been a few years when we've visited more often but that's rare, and usually Gran, Cláudio's mum, comes to ours at Christmas. I think we're a bit different from your typical emigrant. My brother

“

Acho que temos de viver o dia a dia onde se está, e agora a vida é aqui.

I think you have to live your life in the place where you are at the time. And for us, right now, that's here.

”



AT - Quais as expectativas para o futuro? Onde se imaginam daqui a 10 anos?

A B - Imaginamo-nos aqui. Vamos ser realistas: a Margarida está a fazer 16 anos, em 2 ou 3 anos vai para a universidade, a Maria, tem 14, em 4 ou 5 anos também vai, a vida delas vai ser aqui quase de certeza. Eu não me vejo a voltar para Portugal e deixar as minhas filhas aqui, vou estar onde as minhas filhas estiverem. Claro que está nos nossos planos, quando nos reformarmos, irmos passar maiores temporadas em Portugal, mas voltar definitivamente, com as minhas filhas aqui, não.

AT - Moram na cidade? Ou no campo?

CP - Moramos a 25 km de Roterdão, numa cidade pequena.

AT - Então elas podem ir para a universidade e continuar em casa...

AB - Sim, mas é normal aqui os miúdos saírem de casa quando vão para a faculdade, mesmo que seja perto. Mas aqui é diferente com as distâncias, eu trabalho em Utrecht que fica a 85 Km, neste momento trabalho a partir de casa, mas já trabalhei no escritório, também já trabalhei em Amesterdão. Aqui tudo é longe mas é perto...

AT - Qual o meio de transporte?

AB - Para Amesterdão ia de comboio porque o trânsito aqui é caótico, mas para ir a Utrecht uso o carro e o Cláudio também vai de carro.

AT - O Cláudio trabalha no porto?

CP - Não, há 6 meses iniciámos um projeto novo no norte da Holanda que é um terminal de gás natural novo e sou o diretor do terminal, fica a 250KM.

AT - Então não faz trabalho presencial?

CP - Alguns dias vou lá e outros trabalho a partir de casa.

AB - Aqui há duas coisas muito normais: trabalhar a partir de casa e trabalhar 4 dias por semana. Quando vamos à entrevista dizemos logo se queremos trabalhar 4 dias, ou 3 ou 5. Tenho poucas colegas que trabalhem 5 dias, mas ganha-se o equivalente aos dias de trabalho, claro.

AT - Em relação ao regresso já disseram que não faz sentido separarem-se das filhas, e se elas vierem para Portugal?

CP - Não me faz sentido neste momento regressar para Portugal. Aqui estamos perto de tudo, não sou aquele típico emigrante que vive no estrangeiro a pensar em Portugal. Acho que

is here in Germany... But if we don't go in summer, we try to go in spring, not least because we have a house and friends and we enjoy our time there, naturally.

AT - What are your expectations for the future? Where do you see yourselves 10 years from now?

AB - I see us here. Let's be realistic: Margarida is about to turn 16. In two or three years' time, she'll be off to university. Maria is 14, so she'll be going too, in four or five years. Their lives will be here almost for sure. I don't see me going back to Portugal and leaving my girls here; I'll stay wherever they are. Of course we have plans to spend more time in Portugal when we retire, but returning once and for all when our daughters are here? That's not happening.

AT - Do you live in the city? Or in the country?

CP - We're in a small city 25 km from Rotterdam.

AT - So they could go to university and still live at home...

AB - Yes, but generally kids here leave home when they go to university, even if they're nearby. But distances are different here. I work in Utrecht, which is 85 km away. I currently work from home but I've also been office-based and I've also worked in Amsterdam. Everything here is far away but close at the same time...

AT - What transport do you use?

AB - I used to go to Amsterdam by train because the traffic here is chaotic, but I drive to Utrecht and Cláudio drives to work as well.

AT - Cláudio, do you work at the port?

CP - No. Six months ago we started a new project in the north of the Netherlands - a new natural gas terminal - and I'm the terminal manager. It's 250 km away.

AT - So you don't work on-site?

CP - Sometimes I do and sometimes I work from home.

AB - There are two things here that are very normal: working from home and working a four-day week. When you go for your interview, you tell them from the outset whether you want to work four days or three or five. I have just a few colleagues who work five days but, of course, they're paid for all the days they work.

AT - As far as returning to Portugal is concerned, you've already said it wouldn't make sense to leave your daughters behind, but what if they came to Portugal?

CP - At this time, I don't see any point in returning to Portugal. We have everything on hand here. I'm not your typical emigrant who lives abroad but spends all their time thinking about Portugal. I

temos de viver o dia a dia onde se está, e agora a vida é aqui. A mim perturba-me estar longe de tudo, aqui estamos a 20m de todo o lado, é outra centralidade. Ai é 1,30h de carro para ir a qualquer lado, dantes não me incomodava...

AT - Mas agora habituaram-se a outra centralidade...

AB - Sim, esta é uma cidade pequenina, mas tem Centro de Saúde, tem tudo o que precisamos e os serviços funcionam bem. Por exemplo, se não se sentir bem telefona para o centro de saúde de manhã e é atendida nesse mesmo dia, as coisas são de outra maneira.

AT - Os serviços são bons...

CP - Os serviços funcionam de outra maneira, mas por exemplo a escola mudou, os miúdos hoje não são integrados como as nossas filhas foram, é diferente.

AT - Como é?

AB - Agora os miúdos passam os primeiros tempos a aprender o holandês e não são logo integradas na sociedade holandesa como as nossas filhas foram. Os filhos de imigrantes que não falam a língua vão todos para a mesma escola, 1 ano ou 2, para aprenderem holandês e são todos misturados independentemente da idade. Depois é que são encaminhados para as escolas.

AT - O que pensam dessa evolução?

AB - Penso que é pior para os miúdos, eles não são misturados na sociedade holandesa como as nossas filhas foram.

AT - Porquê que isso aconteceu?

CP - Foi o fluxo de imigrantes, aumentou, e também refugiados da Síria, etc, foi um fluxo muito grande e eles tiveram de se organizar de outra maneira. O que acontece é que enquanto as nossas filhas não perderam ano nenhum, estes perdem 1 ano ou 2 a aprender a língua e se calhar não aprendem tão rápido porque estão uns com os outros e acabam por usar o inglês.

AT - Para além da preocupação com a língua, que outros traços da cultura portuguesa mantêm? Culinária? Música?

CP - Não somos muito ligados a isso, não temos TV portuguesa, e já em Portugal também não ouviamos muita música portuguesa, mas temos alguma, claro. Normalmente não comemos pratos típicos portugueses, comemos o bacalhau no Natal... mas no dia-a-dia comemos o bacalhau fresco como aqui. Um traço bem português é o gosto que temos em ir ao mercado, ao sábado, comprar peixe fresco ou a hora da refeição. Aqui janta-se por volta das 17.30, nós comemos às 19h, o que para aqui já é tarde.

Uma coisa que gostaria de dizer é que nem as nossas filhas nem nós sentimos alguma vez algum tipo de racismo.

AT - Nem depois da vaga migratória de que falaram há pouco?

AB - Não, mas temos noção que o facto de sermos brancos, claros, de eu não usar lenço, pode ajudar um bocadinho. No entanto continuamos a falar o inglês...

AT - O holandês faz muita falta?

AB - O Cláudio percebe tudo. Claro que saber a língua ajuda, mas as pessoas falam em inglês conosco... Nós falamos em português com as nossas filhas e elas respondem em holandês, percebemos. Felizmente aqui todos falam inglês, a Holanda é o país da Europa, depois do Reino Unido, onde se fala mais inglês e mais corretamente. Todos o falam, mesmo os mais velhos. Com os amigos também falamos em inglês, pois os nossos amigos são essencialmente estrangeiros, nem portugueses nem holandeses (ri-se), aqui temos poucos amigos portugueses, mas os que temos são bons!

think you have to live your life in the place where you are at the time. And for us, right now, that's here. I'm not comfortable being far from everything. Here we can get to anywhere in 20 minutes. That's what you call conveniently central. There, you're talking about a 90-minute drive to get anywhere. In the past, that didn't bother me...

AT - But now you've become accustomed to being more central...

AB - Yes. It's a small city but it has a health centre and everything we need and the services function well. For example, if I'm not feeling well I phone the health centre in the morning and I'll be seen that same day. Things just run differently.

AT - The services are good...

CP - The services work differently but, for example, the way the schools operate has changed. Today, kids aren't integrated in the same way our daughters were; it's different now.

AT - In what way?

AB - Now kids spend their time learning Dutch to begin with and they aren't immediately integrated into Dutch society the way our girls were. Immigrants' children who don't speak the language all go to the same school and spend a year or two there learning Dutch and they're all lumped together regardless of age. They're only sent out to the other schools afterwards.

AT - What do you think of that change?

AB - I think it's worse for the kids; they don't get to interact with Dutch society the way our daughters did.

AT - Why has this happened?

CP - It was because the flow of immigrants increased, as well as refugees from Syria and the like. It was a huge influx of people and they had to organise things differently. What happens is that, while our daughters didn't get held back at school, these kids are held back for a year or two while they learn the language. And they might not learn it as fast because they're all immigrants together and they end up speaking English to each other.

AT - Apart from your efforts with the language, what other Portuguese cultural traits do you keep up? Food? Music?

CP - We're not really into that very much. We don't have Portuguese TV and even when we were in Portugal we didn't listen to much Portuguese music. But we do keep some things up, of course. We normally don't eat typical Portuguese dishes, although we do have salt cod at Christmas... but otherwise we eat fresh cod, like they do here. One very Portuguese thing that we like to do is going to the market on Saturday to buy fresh fish. Another is mealtimes. People here usually have dinner at around 5.30 pm, whereas we don't eat until 7 pm. That's late for here.

One thing I'd like to say is neither we nor our daughters have ever encountered any type of racism.

AT - Not even after the wave of migrants that you mentioned just now?

AB - No. But we do realise that the fact that we are white, light-skinned, and that I don't wear a headscarf, might help a bit. But we still keep speaking English...

AT - Do you really need Dutch?

AB - Cláudio understands everything. Of course, knowing the language helps. But people speak to us in English... We speak to our daughters in Portuguese and they answer us in Dutch, and we understand them. Luckily everyone here speaks English. After the UK, the Netherlands is the European country where most English is spoken and most correctly too. Everyone speaks it, even the elderly. When we're with friends we speak English too, since they're mostly foreigners - neither Portuguese nor Dutch (she laughs). Here we only have a few Portuguese friends but the ones that we do have are good ones!

Rima Rabeya

de Daca para São Teotónio

from Dhaka to São Teotónio



Queria ir para um lugar onde pudesse gerir a minha vida como eu quero.

I wanted to go somewhere where I could live my life the way I want to.



Ana Tendeiro - Bom dia, de onde vem?
Rima Rabeya - Eu venho do Bangladesh.

AT - Quantos anos tem?
RR - Tenho 37 anos.

AT - Há quanto tempo saiu do Bangladesh?
RR - Sai em 2016.

AT - Veio logo para Portugal?

RR - Não. Fui convidada, por uma televisão alemã, para ir à Alemanha participar num festival de cinema. Eu trabalhava em televisão e tinha atividade para fazer filmagens, documentários... No festival participavam pessoas de todo o mundo que trabalhavam com *media* e crianças, e eu fui a convidada do Bangladesh.

AT - Onde estudou?

RR - Estudei no Bangladesh. Tenho dois bacharelatos, um em Ciências Sociais e outro em Fotografia e Jornalismo.

AT - Saiu para ir para a Alemanha participar nesse festival de cinema...

RR - Sim, depois disso vim para Portugal.

AT - Porque é que veio para Portugal?

RR - Desde 2015 que queria sair do Bangladesh. Queria ir para um lugar onde pudesse gerir a minha vida como eu quero. Além disso, tinha planeado fazer mestrado na Alemanha ou na Noruega e trabalhar. Mas era muito caro e havia muita dificuldade em obter visto. Então um amigo disse-me que, se viesse para Portugal, em 6 meses podia ter cartão de residente e, depois de ter os documentos em ordem, podia ir para qualquer lugar da Europa.



Ana Tendeiro - Hello. Where are you from?
Rima Rabeya - I'm from Bangladesh.

AT - How old are you?
RR - I'm 37.

AT - When did you leave Bangladesh?
RR - In 2016.

AT - Did you come to Portugal straight away?

RR - No. I was invited by a German TV channel to go to Germany to participate in a film festival. I was working in television and my activity included making films and documentaries... People from all over the world who worked with the media and children were invited to go to the festival and I was the person invited from Bangladesh.

AT - Where did you study?

RR - In Bangladesh. I have two bachelor's degrees, one in social science and the other in photography and journalism.

AT - So you left to go to Germany for this film festival...

RR - Yes. And then I came to Portugal.

AT - Why did you come to Portugal?

RR - I'd been wanting to leave Bangladesh since 2015. I wanted to go somewhere where I could live my life the way I want to. Plus, I had intended to do a master's degree in Germany or in Norway and work. But it was too expensive and it was very difficult to get a visa. Then a friend told me that if I came to Portugal I could get a resident's card in six months and then, once I had all my documents in order, I could go wherever I wanted in Europe.

Once I knew that, I did a bit of research and realised that Portugal was a good country. I didn't know anything about Portugal before that, except for Cristiano Ronaldo... I learned about

Quando obtive essa informação estudei um pouco e vi que Portugal era um bom país. Antes disso não sabia nada de Portugal, só conhecia o Cristiano Ronaldo... Aprendi sobre Portugal, preparei-me financeiramente, aprendi um pouco da língua, onde se situava, quantos habitantes tinha... Tudo, expressões como: Como está você? Eu não sabia a diferença entre Português de Portugal e do Brasil...(ri-se).

Quando cheguei cá vi que a realidade era diferente, os procedimentos são muitos e é necessário mais de um ano para conseguir o cartão de residente... Mas é um país onde é fácil um imigrante legalizar-se e é um país pacífico.

AT - Foi ao festival de cinema e daí veio para Portugal. Quando chegou a Portugal veio logo para Odemira?

RR - Não, cheguei dia 23 de Maio de 2016, a Lisboa. Como havia um grupo de jornalistas do Bangladesh lá, não tive dificuldade em encontrar trabalho, nem casa. Há muitos bengalis em Lisboa, no Martim Moniz. Não tive dificuldades quando cheguei aqui. Mas eu queria fazer as coisas por mim e tinha dificuldade em fazê-lo.

Depois de chegar a Lisboa, percebi que estava dentro da comunidade do Bangladesh e que não era muito diferente. Uma sociedade patriarcal onde os homens controlam tudo e as mulheres são dependentes deles. A razão porque quis sair do Bangladesh foi porque não podia fazer nada por mim própria, e eu não preciso de ninguém para definir a minha identidade. Continuavam a dizer-me o que ouvia lá: “não podes fazer isto...” “não podes fazer aquilo”, por ser mulher. Decidi que tinha de sair de Lisboa, eu gosto de desafios.

AT - De que precisava? De um emprego?

RR - Um emprego em Portugal é necessário para obter cartão temporário de residente pois tem de se pagar impostos ao governo de Portugal e, além disso, também precisava de dinheiro.

AT - Como era a sua vida no Bangladesh?

RR - No Bangladesh trabalhava numa estação de televisão, era assistente de produção. Tinha um salário muito bom e uma posição respeitável. Mas não tinha liberdade. Cresci numa família muçulmana o que implica uma série de restrições para a mulher. Quando se cresce numa sociedade patriarcal, existem muitas barreiras. Trabalhei muito, tinha de trabalhar muito para ser equiparada a um homem. Tinha de o provar todos os dias, o trabalho tinha de estar perfeito para ser igual a um homem... Mas eu não quero ser igual a um homem, eu quero ser eu.

Há muitas outras mulheres como eu no Bangladesh, que lutam todos os dias pelos seus direitos e eu respeito-as e faço parte dessa luta. Há muitas, como eu, que estão a lutar e que querem sair do país por essa razão. Mas não é possível para todas... As mulheres manifestam-se pelos seus direitos, continuam a lutar pela sua liberdade. Tinha uma vida no Bangladesh mas não tinha controlo sobre mim própria. Era tratada como uma mulher não como uma pessoa.

AT - Como foi a sua experiência em Lisboa?

RR - Em Lisboa gozei de liberdade e tinha tempo para mim própria. Queria ser independente. Falei com a minha mãe que me deu força para andar para a frente e seguir a minha vida. Aluguei um quarto, e percebi que era só para mim! Organizei a minha vida, tornei-me independente, vivi sozinha.

Enquanto estive em Lisboa tinha um passe social dos transportes e de manhã apanhava o autocarro e ia até ao fim da linha. Saía e apanhava de volta, no outro dia fazia outra linha, conheci Lisboa assim, eu gosto de conhecer tudo. Gosto de liberdade. Senti liberdade em Lisboa. Vivi lá 10 meses. Desde pequena, se queria viajar, nunca podia ir sozinha, não era seguro, alguém estava sempre comigo, normalmente um homem. Nunca podia andar nas ruas de Bangladesh depois das 10h da noite. Havia sempre medo, insegurança. Ganhar esta liberdade é muito importante para mim.

AT - Como é que veio para Odemira?

RR - Vim para Odemira para trabalhar. Em 2017 conheci uma rapariga que vinha trabalhar para cá. Disse-me que era um tra-

Portugal, got ready financially, learned a bit of the language, where the country was located, how many inhabitants it had... Everything. Expressions like: Como está você? [“How are you?” in Brazilian Portuguese]. I didn’t know the difference between Portuguese and Brazilian Portuguese... (she laughs). When I arrived, I discovered that the reality was different, there’s so much bureaucracy and it takes more than a year to get your resident’s card... But it’s a country where it’s easy for immigrants to become legal residents and it’s a peaceful country.

AT - So you went to the film festival and then you came to Portugal. When you arrived in Portugal, did you come straight to Odemira?

RR - No. I arrived in Lisbon on the 23rd of May 2016. Since there was a group of Bangladeshi journalists there, I had no trouble finding a job or a place to live. There are lots of Bengalis in Lisbon, in Martim Moniz. I had no difficulties when I first arrived. But I wanted to do things for myself and that was where the difficulty lay.

After I arrived in Lisbon, I realised that I was living in a Bangladeshi community and that things weren’t very different. It’s a patriarchal society where the men run everything and women are dependent on them. I left Bangladesh because I couldn’t do anything for myself and I don’t need anyone to define my identity. They kept telling me the same thing I used to hear there: “You can’t do this...” and “You can’t do that...” just because I’m a woman. I decided I had to get out of Lisbon. I like challenges.

AT - What did you need? A job?

RR - To get a job in Portugal, you have to get a temporary resident’s card because you have to pay tax to the Portuguese government and, apart from that I also needed money.

AT - What was your life like in Bangladesh?

RR - In Bangladesh I was working for a TV station as a production assistant. I had a very good salary and a respectable position. But I had no freedom. I grew up in a Muslim family, which implies all sorts of restrictions for women. When you grow up in a patriarchal society, there are many barriers. I worked hard; I had to in order to be treated on a par with men. I had to prove myself every day. My work had to be perfect in order for me to be equal to a man... But I don’t want to be equal to a man; I want to be myself.

There are lots of other women like me in Bangladesh, women who fight for their rights every day, and I respect them and am part of that fight. There are lots, like me, who are fighting and who want to leave the country for that very reason. But they can’t all leave... Women are protesting for their rights and they are still fighting for their freedom. I had a life in Bangladesh but I wasn’t in charge of it. I was treated like a woman and not like a person.

AT - How did you get on in Lisbon?

RR - In Lisbon I was free and had time for myself. I wanted to be independent. I spoke to my mother and she encouraged me to go for it and get on with my life. I rented a room and I realised it was just for me! I organised my life, I became independent and I lived alone.

While I was in Lisbon I had a bus pass and in the morning I’d get on the bus and ride it to the end of the line. Then I’d get off and catch another bus back. And the next day I’d do a different line and that’s how I got to know Lisbon. I like to familiarise myself with everything. I like freedom. I felt free in Lisbon. I lived there for 10 months. When I was younger, if I wanted to travel I couldn’t go alone. It wasn’t safe; someone always had to accompany me, usually a man. I could never be out in the streets in Bangladesh after 10 pm. You were always scared, insecure. Finding my freedom has been very important to me.

AT - How did you end up in Odemira?

RR - I came to Odemira to work. In 2017 I met a girl who was coming here to work. She told me it was a summer job, working in the country. I said I wanted to go with her and she agreed. We



“

Tinha de o provar todos os dias, o trabalho tinha de estar perfeito para ser igual a um homem... Mas eu não quero ser igual a um homem, eu quero ser eu.

I had to prove myself every day. My work had to be perfect in order for me to be equal to a man... But I don’t want to be equal to a man; I want to be myself.

”

balho de verão, trabalhava-se no campo. Disse-lhe que queria vir com ela e ela concordou, foram 3 meses numa empresa agrícola. Mas mantive o meu quarto em Lisboa...

Nessa empresa gostei muito do ambiente, havia gente de todo o lado e tratavam-me como igual. As pessoas trabalhavam e depois almoçavam todas juntas, conviviam, gostei, mas o trabalho era muito duro. Ao fim desses 3 meses voltei para Lisboa e voltei a procurar trabalho, mas sem a língua portuguesa é muito difícil arranjar um bom emprego em Lisboa. Fui à Fundação Aga Khan e ao CNAIM (Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes), aprender mais português pois a língua é o mais importante para uma pessoa se integrar. Quanto mais vocabulário, melhor.

AT - E como foi a experiência em Lisboa, porque é que voltou?

RR - Quando voltei para Lisboa, havia tanto barulho... tanta gente. Eu cresci na cidade de Dacca com muita gente e muito barulho, nunca tinha tido a oportunidade de ficar longe da cidade, no campo. Em Lisboa verifiquei que me fazia falta o campo, a paz, ouvir os insectos, cheirar as plantas. Sentia falta disso, descobri que era o que queria e voltei para Odemira! E foi tão bom para mim, vivi numa casa com outras duas raparigas e comecei a procurar trabalho, já não havia trabalho como no verão. Arranjei uma bicicleta em segunda mão e fui a todo o lado, São Teotónio, Odemira, Zambujeira, Boavista... Fui à Vitacress, ficaram contentes por eu falar um bocadinho de português e trabalhei na parte de embalamento onde fazia muito frio. Trabalhei com pessoas boas, trabalhava 8 horas, tinha dois dias de folga, tinha tempo livre. Trabalhei lá 3 anos e meio. Arranjei uma casa perto da Vitacress, para mim, uma casa pequena, barata. Fiquei muito feliz com isso. Em 2018 tive o meu cartão de residência temporário. Odemira mudou a minha vida! Para mim é um novo mundo!

AT - E como é que foi trabalhar para a TAIPA?

RR - Em 2017 tive um convite para fazer parte de uma experiência de teatro com migrantes, o projecto Giramundo, da Taipa, e eu fui. Sempre gostei de voluntariado, participei nos Aliados do Natal e fiquei a fazer sempre de mediadora na Taipa, como voluntária. Tinham necessidade de ter sempre alguém para falar com os migrantes. Depois, quando formaram a equipa de mediadores, perguntaram-me se eu queria e eu disse que sim, fiz a

spent three months at an agricultural company. But I kept my room in Lisbon...

I liked the atmosphere at that company a lot. There were people from all over and they treated me as an equal. The people did their work and then they all had lunch together and socialised. I liked it but the work was very hard. After the three months were up I went back to Lisbon and went looking for work. But it’s very hard to find a good job in Lisbon if you don’t speak Portuguese. I went to the Aga Khan Foundation and to the CNAIM (National Support Centre for Migrant Integration) to learn more Portuguese, because the language is most important thing if you want to be part of the society you’re living in. The more vocabulary you know, the better.

AT - What was it like in Lisbon? Why did you come back?

RR - When I went back to Lisbon, it was so noisy and so busy. I grew up in the city of Dhaka with lots of people and lots of noise. I’d never had the chance to be away from the city, to be in the country. In Lisbon I realised I was missing the country, the peace and quiet, being able to hear the insects and smell the plants. I missed all that and I realised that was what I wanted and so I returned to Odemira! It’s been so good for me. I lived in a house with two other girls and I began looking for a job. At that time there wasn’t any work like there had been in summer. I got a second-hand bike and I went everywhere - São Teotónio, Odemira, Zambujeira, Boavista... I went to Vitacress; they were pleased because I could speak a bit of Portuguese and I worked in the packing department where it was very cold. I worked with great people. I worked eight hours and had two days off. I had some free time. I worked there for three and a half years. I got myself a cheap little house near Vitacress. I was really pleased about that. In 2018 I got my temporary resident’s card. Odemira changed my life! It’s a new world for me!

AT - So how did you end up working for TAIPA?

RR - In 2017, I was invited to take part in a theatre experience with migrants - Taipa’s Giramundo project - and I went. I’ve always enjoyed volunteering. I took part in the Aliados at Christmas and I ended up always serving as a mediator at Taipa, as a volunteer. They needed to have someone always on hand to speak to the migrants. Then, when they put together the

entrevista e entrei. O ordenado era o mesmo.

AT - Quando a conheci, disse-me que gostava muito de ser mediadora intercultural...

RR - Sim, eu gosto muito. Já disse porque é que saí do Bangladesh - sabe o que se passou no Irão e no Afeganistão - a situação das mulheres no Bangladesh é má, estão sempre dependentes do homem. Em crianças obedecem ao pai e depois ao marido... Eu nasci numa família com uma mentalidade mais aberta, a minha mãe e a minha avó são pessoas muito fortes. Sempre me apoiaram naquilo que eu gostaria de fazer e me deram força. Mas no dia-a-dia fazem parte da sociedade, são muçulmanos. Não é fácil estar sempre a lutar contra tudo. Quando tinha 16 anos li muitos livros, incluindo biografias do Vasco da Gama, Nelson Mandela, Madre Teresa... compreendi que o mundo era grande, não era só aquilo. Percebi que as coisas não estavam bem com as mulheres. Eu sempre quis ajudar pessoas que necessitam de ajuda, em especial mulheres e tenho essa oportunidade através deste trabalho.

AT - É religiosa?

RR - Pratico a minha religião à minha maneira. Nasci numa família muçulmana e respeito a religião. Respeito todas as religiões, não só a muçulmana. Mas há coisas com que não concordo, como a interpretação que a religião muçulmana faz sobre a mulher, aceito o que é bom e não aceito o que interfere com a minha liberdade.

AT - Mas teve uma educação religiosa...

RR - Sim, era obrigatório ler o Corão e praticar o Namaz. Acabei o Corão e li outros livros religiosos como a Bíblia e o Gita, e li livros ligados à religião também. O que percebi, do meu pouco conhecimento, é que nasci para completar um homem, fui feita para as suas necessidades. Não concordo! Não só a religião muçulmana, mas todas as religiões, de uma maneira ou de outra, têm um pouco essa característica. Hinduísmo, Islamismo, ou Cristianismo, não importa a que religião se pertence. No contexto do Bangladesh, quando uma mulher é molestada ou violada, ou sobre ela se pratica qualquer forma de violência, é sempre culpa dela. A mulher tem de se cobrir sempre, todas as regras são para as mulheres. No Bangladesh fui voluntária para ajudar mulheres violentadas ou abusadas e crianças também. O estado dos nossos protestos chegaram a um ponto... é como lutar contra grandes ondas no mar e andar para trás.

AT - Nós aqui dizemos “remar contra a maré”. E Portugal? O que acha da situação das mulheres em Portugal?

RR - Não há lugar no mundo para a mulher dado por nascimento. Precisamos de criar o nosso lugar por nós próprias. Diz-se que se dão direitos, quem é que dá direitos a quem? Os meus direitos têm de ser conquistados por mim. Uma mulher independente constrói os seus direitos por si própria, não quer os direitos de ninguém, ela diz - estou pronta! As mulheres portuguesas estão muito mais à frente. Aqui a situação é muito mais suave, as mulheres têm mais poder que as bengalis. Nós somos de um país em desenvolvimento, ainda estamos preocupadas em conquistar as necessidades básicas: comida, abrigo, roupa, cuidados médicos e educação. Se sou educada tenho noção de outros direitos! Portugal é diferente é um país desenvolvido. Não é preciso pensar nas necessidades básicas. Aqui luta-se pela igualdade. Luta-se por posição, poder e liderança e estou feliz por ser alguém que ajuda as mulheres estrangeiras. Muitas não conhecem os seus direitos e eu sinto que isso também é minha responsabilidade.

AT - Pensa deixar Portugal?

RR - Até agora não. Ninguém sabe o amanhã (ri-se). Tenho um emprego maravilhoso, através deste trabalho consigo ajudar muitas pessoas. Muitos que não sabem português, muitas mulheres que não conhecem os seus direitos, através do meu trabalho posso ajudar essas pessoas. Aqui é muito mais suave para as mulheres, mas há outras coisas pelas quais é preciso lutar - a causa LGBTI+, a pobreza, a violência doméstica... também há muito que fazer aqui na Europa e o que eu quero fazer é dizer às pessoas quais são os seus direitos e que devem lutar por eles.

team of mediators they asked me if I was interested and I said yes. I had the interview and I got the job. The pay was the same.

AT - When I met you, you told me you really liked being an intercultural mediator...

RR - Yes, I like it a lot. I've already explained why I left Bangladesh - you know what happened in Iran and in Afghanistan - life for women in Bangladesh is bad; they are always dependent on men. When they're girls they must obey their father when they're adults they must obey their husband... I was born into a family that had a more open mentality; my mother and grandmother are both very strong women. They've always supported me in the things I liked doing and always gave me strength. But in their day-to-day lives they belong to a Muslim society. It's not easy always fighting against everything. When I was 16, I read a lot of books, including biographies of people like Vasco da Gama, Nelson Mandela, Mother Teresa... I realised that the world was a big place, that it wasn't just that. I realised that things weren't good for women. I always wanted to help people who needed help, especially women, and now I have that opportunity through this job.

AT - Are you religious?

RR - I practise my religion in my own way. I was born into a Muslim family and I respect the religion. I respect all religions, not just Islam. But there are things I don't agree with, such as Islam's approach to women; I accept what's good and I don't accept what interferes with my freedom.

AT - But you had a religious upbringing...

RR - Yes, you have to read the Koran and say Namaz prayers. I finished the Koran and I read other religious books, like the Bible and the Gita, and I read books related to religion as well. From what little knowledge I had, I understood that I was born to complement a man, I was made for his needs. I don't agree with that! And it's not just Islam. All religions have a bit of that in one way or another. Hinduism, Islam or Christianity. It makes no difference which religion you belong to. In the Bangladeshi context, any time a woman is molested or raped or is the victim of any sort of violence, it's always her fault. Women always have to keep themselves covered up; all the rules are for women. In Bangladesh, I did volunteering to help women who had been raped or abused and children as well. The state of our protests got to a point... it's like fighting against huge waves in the sea and going backwards.

AT - Here we say “rowing against the tide”. What about Portugal? What do you think of life for women here in Portugal?

RR - There is nowhere in the world that belongs to women by birth. We always have to create our own place by ourselves. They say rights are given. Who gives rights to whom? I have to win my own rights. An independent woman builds her own rights by herself; she doesn't want anyone else's rights. She says, “I'm ready!” Portuguese women are very advanced. Here, the situation is much easier and women have more power than Bengali women. We are a developing country and we are still concerned with winning basic necessities: food, shelter, clothing, healthcare and education. If I am educated, I become aware of other rights! Portugal is different; it's a developed country. You don't have to think about basic necessities. Here, you fight for equality. You fight for position, power and leadership and I'm happy to be someone who can help foreign women. Many of them are unaware of their rights and I feel that this is my responsibility too.

AT - Would you consider leaving Portugal?

RR - Not at the moment, no. But nobody knows what tomorrow will bring (she laughs). I have an amazing job; I can help so many people through this job. Many don't speak the language, many women are unaware of their rights; I can help these people through my job. Life is much easier for women here but there are other battles that need to be fought - the LGBTI+ cause, poverty, domestic violence... there's so much to do here in Europe too and what I want to do is tell people what their rights are and that they should fight for them.

O mundo à mesa The World at Table


Esta rubrica pretende explorar receitas culinárias com o intuito de demonstrar a globalização alimentar e divulgar receitas de diferentes origens. Nesta edição apresentamos os pastéis de batata-doce.

This section aims to explore culinary recipes in order to demonstrate how food has become international, as well as publishing recipes from various different places. In this issue we put the spotlight on sweet potato pasties.

RECEITA / RECIPE

POR/BY ANDREIA SANTOS

Pastéis de batata-doce Sweet potato pasties

 cerca de 1h / About 1h
24 pastéis / pasties

INGREDIENTES

Massa:

- 700 gr de farinha de trigo sem fermento
- 150 ml de vinho branco
- 150 ml de óleo
- 150 ml de leite
- 1 pitada de sal

Recheio:

- 1 kg de batata-doce
- 150 ml de água
- 400 gr de açúcar
- 2 paus de canela
- 2 raspas de limão

PREPARAÇÃO

Massa: Misturam-se todos os ingredientes e deixa-se repousar a massa durante 30 minutos antes de começar a esticar.

Recheio: Coze-se a batata-doce em água e uma pitada de sal. Num tacho prepara-se uma calda de açúcar, juntando a água, o açúcar, os paus de canela e as raspas de limão. Deixa-se reduzir a calda até ao ponto pérola. As batatas, depois de cozidas, esmagam-se (com um garfo ou com um passe-vite) e juntam-se à calda de açúcar. Mexe-se bem e deixa-se ao lume 3 minutos.

Depois do recheio e massa feitos, pode-se começar a moldar os pastéis. Estica-se a massa com um rolo, colocam-se pequenas porções de recheio com uma colher, dobra-se a massa por cima do recheio e corta-se com uma cartilha em forma de meia-lua. Fritam-se em óleo bem quente e colocam-se em papel de cozinha para escorrer a gordura. No final passam-se os pastéis por açúcar misturado com canela.



INGREDIENTS

Pastry:

- 700 gr plain wheat flour
- 150 ml white wine
- 150 ml oil
- 150 ml milk
- pinch of salt

Filling:

- 1 kg sweet potatoes
- 150 ml water
- 400 gr sugar
- 2 cinnamon sticks
- Zest of 2 lemons

PREPARATION

Pastry: Mix all the ingredients together and leave the dough to rest for 30 minutes before you start to roll it out.

Filling: Boil the sweet potatoes in water with a pinch of salt. Make the sugar syrup: put the water, sugar, cinnamon sticks and lemon zest into a pan. Simmer until the liquid has reduced and the syrup has reached soft ball stage. Mash the cooked sweet potatoes and add them to the sugar syrup. Mix well and leave on the heat for 3 minutes.

Once the filling and pastry are ready, start shaping the pasties. Roll the pastry out and spoon small portions of the filling on to it. Fold the pastry over the filling and use and semi-circular pastry cutter to cut out the pasties. Fry the pasties in hot oil and put them on kitchen paper to drain. Lastly, dust with a mixture of sugar and cinnamon.



A batata-doce é originária da América Central e do Sul, tendo sido encontrada desde a Península de Yucatan, no México, até à Colômbia. Existem vestígios da sua utilização de há mais de dez mil anos, com evidências encontradas em cavernas localizadas no vale de Chilca Canyon, no Perú, e na região ocupada pelos Maias, na América Central.

No final do século XV, com a exploração da América do Sul, iniciada por Cristóvão Colombo, chegou à Europa um conjunto de produtos desconhecidos, dando início a uma nova fase na alimentação dos europeus, que por sua vez os expandiram para outros continentes. Os navegadores portugueses já a transportavam no século XVI, levando-a para África, Índia e Java onde foi rapidamente adoptada. O seu cultivo em Portugal terá tido início em meados do século XVI.

Em termos de variedade, a batata-doce distingue-se pela sua cor. Podem ser brancas, roxas, amarelas e laranjas. As de cor roxa são características da região de Aljezur. A batata-doce de Aljezur é um produto com IGP (Indicação Geográfica Protegida) correspondente à variedade Lira. É produzida, preparada e acondicionada nas zonas circunscritas ao concelho de Aljezur e às freguesias de São Teotónio, São Salvador e Santa Maria, Longueira/ Almogrove e Vila Nova de Milfontes do concelho de Odemira. Nas localidades de Aljezur e do Cavaleiro são realizados anualmente festivais dedicados a este tubérculo.

Na zona de Lisboa e no Alentejo, os pastéis de batata-doce, ou azevias, fazem parte da doçaria tradicional do período natalício.

Ana Tendeiro

Sweet potatoes originally come from Central and South America, where they could be found from the Yucatan Peninsula, in Mexico, all the way to Colombia. There are indications of their use dating back over 10,000 years, with evidence found in caves in the Chilca Canyon Valley, in Peru, and the region occupied by the Maya, in Central America.

In the late 15th century, as a result of the exploration of South America started by Christopher Columbus, a variety of unknown foods began arriving in Europe, giving rise to a new phase in the diet of Europeans who, in turn, took these new products to other continents. By the 16th century Portuguese sailors were transporting sweet potatoes to Africa, India and Java, where they soon became popular. It is thought that they began to be grown in Portugal in the mid-16th century.

The different varieties of sweet potato are distinguished by their colour. They can be white, purple, yellow or orange. The typical Aljezur sweet potatoes are purple. Aljezur sweet potatoes are the Lira variety and are classed as a PGI (Protected Geographical Indication) product. They are grown, harvested and packed only in the areas within the boundaries of the municipality of Aljezur and the civil parishes of São Teotónio, São Salvador e Santa Maria, Longueira/ Almogrove and Vila Nova de Milfontes in the municipality of Odemira. Aljezur and Cavaleiro hold annual festivals dedicated to this tuber.

In the Lisbon area and in the Alentejo, sweet-potato pasties, called azevias, are a traditional sweet treat at Christmastime.

Odemira Global convida... Odemira Global invites...

Nesta edição convidamos Telma Guerreiro. Nascida em Odemira e formada em Psicologia, desenvolveu vasto trabalho na área do Desenvolvimento Comunitário promovendo a pesquisa, desenvolvimento, execução e avaliação de vários projetos na TAIPA CRL, entidade onde desempenhou o cargo de Presidente. Foi Vereadora do Município de Odemira e Deputada à Assembleia da República, atualmente é Assessora da Secretária de Estado da Igualdade e das Migrações.

Our guest for this issue is Telma Guerreiro. Born in Odemira and a trained psychologist, she has done extensive work in the field of community development, promoting research, development, execution and assessment of various projects at TAIPA CRL, the body where she worked as president. She was a Councillor at Odemira Municipal Council and an MP in the Portuguese parliament and is currently Advisor to the Secretary of State for Equality and Migration.



O mês de março tem uma marca muito importante para todas as mulheres de todo o mundo, a comemoração do Dia Internacional da Mulher, no dia 8.

Este dia pretende celebrar os direitos conquistados, relembrando o caminho que ainda há a fazer na igualdade entre mulheres e homens.

Defender o direito ao voto, a igualdade salarial, a maior representação em cargos de liderança, maior representação na política, a proteção em situações de violência ou o acesso à educação, continua a ser uma luta de causas ainda muito atual porque, em diferentes pontos do mundo esses direitos continuam por cumprir.

Muitas mulheres juntam em si fatores de discriminação que se entrecruzam e agravam as vulnerabilidades como seja a idade, a origem racial ou étnica, a orientação sexual ou

The month of March contains a very important date for women all over the world: International Women's Day, which is celebrated on the 8th.

The purpose of this day is to celebrate the rights won by women and to serve as a reminder of what still has to be done to achieve gender equality.

Defending the right to vote, equal pay, greater representation in leadership positions and in politics, protection from violence and access to education are still very current battles because, in various parts of the world, these rights are still being denied.

Many women are made even more vulnerable by the fact that they face a number of discrimination factors simultaneously, such as age, racial or ethnic origin, sexual orientation or gender identity and their family or economic circumstances. And this is in addition to the huge challenges we have to face as

identidade de género, a situação familiar ou económica e ainda os enormes desafios que vimos a enfrentar enquanto coletivo, tais como o impacto da crise pandémica, a retoma do poder dos Talibans no Afeganistão, a invasão da Ucrânia pela Rússia, lembra-nos que em crises, as mulheres e as raparigas correm sérios riscos no recuo dos seus direitos, de violência sexual, de exploração e de deslocação forçada.

É muito provável que o mundo continue a enfrentar lutas globais em torno de pandemias, desastres naturais e problemas decorrentes da recessão económica relacionada com a crise climática. A menos que as causas profundas dessas calamidades sejam resolvidas, o número de mulheres e raparigas deslocadas continuará a aumentar e, sem proteção significativa, elas continuarão a ser desproporcionalmente afetadas.

Percebemos como estamos longe de cumprir o objetivo 5 dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) que nos incentiva até 2030 a “alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e meninas”.

As mulheres e raparigas migrantes, refugiadas e requerentes de asilo na Europa enfrentam desigualdades persistentes bem como barreiras específicas à proteção e gozo dos seus direitos fundamentais.

Em 2019, a União Europeia lançou uma agenda ambiciosa com vista a reforçar o Estado de Direito - um dos valores fundamentais da União Europeia consagrado no artigo 2º do Tratado da União Europeia. Para a realização desta agenda, é urgente garantir a proteção dos direitos fundamentais das pessoas mais expostas aos riscos de discriminação na UE - mulheres migrantes, refugiadas e requerentes de asilo - como elemento central da estratégia da UE em matéria de direitos fundamentais. Na atual situação política e socioeconómica que a UE enfrenta, é urgente que a proteção destes direitos seja efetiva e vinculativa.

As mulheres emigrantes e imigrantes transportam consigo as identidades e pertenças de género dos países de origem, deparando-se com as desigualdades e discriminações dos países de acolhimento. Sofrem discriminações múltiplas. E por isso importa adotar uma perspetiva de género na análise e gestão das migrações, com políticas migratórias sensíveis às necessidades das mulheres migrantes.

Ao longo dos anos as sucessivas estratégias procuram responder a esta necessidade, como é exemplo o Plano Estratégico para as Migrações (2015 -2020) que previa reforçar “medidas tendentes à promoção da igualdade de género e ao reforço da integração pessoal, profissional e cívica nas mulheres imigrantes na sociedade portuguesa”, a “promoção da participação das mulheres imigrantes no movimento associativo”, prevendo como ações a “mobilização das mulheres imigrantes para a participação no movimento associativo” e a “informação às mulheres imigrantes sobre os seus direitos e deveres específicos enquanto mulheres”.

O Alto Comissariado para as Migrações assegura o acompanhamento de mulheres migrantes, designadamente através da sua equipa das desigualdades interseccionais, em questões de violência, quer doméstica, quer de práticas tradicionais nefastas.

Mais recentemente, o Pacto Global para as Migrações Seguras, Ordenadas e Regulares, de 2018 incluiu a atenção ao

a society, including the impact of the pandemic, the Talibans seizing back power in Afghanistan and Russia’s invasion of Ukraine, all of which serve to remind us that, in times of crisis, women and girls run serious risks in terms of the loss of rights previously gained, sexual violence, exploitation and forced displacement.

It is very likely that the world will continue to face global struggles around pandemics, natural disasters and problems arising from the economic downturn related to the climate crisis. Unless the root causes of these calamities are addressed, the number of displaced women and girls will continue to rise and, without meaningful protection, they will continue to be disproportionately affected.

We realise that we still have a long way to go to achieve the UN’s Sustainable Development Goal 5, which encourages us to “achieve gender equality and empower all women and girls” by 2030.

Migrant, refugee and asylum-seeking women and girls in Europe are faced with persistent inequalities as well as specific barriers to the protection and enjoyment of their fundamental rights.

In 2019, the European Union launched an ambitious agenda to strengthen the rule of law - one of the fundamental values of the European Union enshrined in Article 2 of the Treaty on the European Union. In order to fulfil this agenda, it is urgent to guarantee the protection of the fundamental rights of those most exposed to the risks of discrimination in the EU - migrants, refugees and asylum seekers - as a core element of the EU’s strategy on fundamental rights. Given the EU’s current political and socio-economic circumstances, it is urgent that the protection of these rights be effective and binding.

Emigrant and immigrant women carry with them the gender identities and belongings of their countries of origin, encountering inequalities and discrimination in the host countries. They suffer discrimination on multiple planes. This is why it is important to adopt a gender perspective when analysing and managing migration, with migration policies that are sensitive to migrant women’s needs.

Over the years, successive strategies have sought to respond to this need, including the Strategic Plan for Migration (2015 -2020), which envisaged reinforcing “measures aimed at promoting gender equality and strengthening the personal, professional and civic integration of immigrant women in Portuguese society”; the “promotion of participation by immigrant women in the associative movement”, envisaging such actions as the “mobilisation of immigrant women to participate in the associative movement”; and providing “immigrant women with information about their specific rights and duties as women”.

The High Commission for Migration monitors migrant women, namely through its intersectional inequalities team, in matters of violence, whether domestic or as a result of harmful traditional practices.

More recently, the 2018 Global Compact for Safe, Orderly and Regular Migration included attention to gender among its guiding principles, striving for the transversality of the gender perspective, the promotion of gender equality.

In Odemira, I would like to hold up the TAIPA project as an example. Women working together as one, whose actions



“

(...) em crises, as mulheres e as raparigas correm sérios riscos no recuo dos seus direitos, de violência sexual, de exploração e de deslocação forçada.

(...) in times of crisis, women and girls run serious risks in terms of the loss of rights previously gained, sexual violence, exploitation and forced displacement.

”

género entre os seus princípios orientadores, pugnando a transversalidade da perspetiva de género, a promoção da igualdade de género.

Em Odemira, gostaria de dar o exemplo do projeto da TAIPA, Mulheres numa só voz, que entre outras ações procurou capacitar um grupo de mulheres migrantes para a liderança comunitária, para através das suas competências darem voz às suas histórias, às suas necessidades e ao potencial do seu contributo na sociedade de acolhimento.

Objetivo, que vai ao encontro da Representante Especial das Nações Unidas para as Migrações Internacionais, Louise Arbour, que em 2017, criticou a tendência para tratar as mulheres como vítimas e sublinhou a necessidade de uma nova narrativa que apresente as mulheres em contexto migratório como titulares de direitos, agentes de desenvolvimento

include seeking to train a group of migrant women for community leadership, giving them the ability to use their skills to give voice to their stories, their needs and the potential of their contribution to their host society.

It is a goal that is in line with what United Nations Special Representative for International Migration, Louise Arbour, said in 2017, when she criticised the tendency to treat women as victims and underlined the need for a new narrative that presents migrant women as right-holders, development agents and leaders who can help make their host societies become more dynamic. This is a concern that has been fully embraced by the Global Compact for Migration.

It is important, therefore, to understand other aspects: for example, emigration allows many women to escape the patriarchal structures and discriminatory practices of their



ONU/UN

e líderes que trazem dinamismo para as suas sociedades de acolhimento. Esta preocupação veio a ser plenamente assumida pelo Pacto Global para Migrações.

Importa por isso compreender outros lados, por exemplo, a emigração permite que muitas mulheres escapem às estruturas patriarcais e práticas discriminatórias das suas sociedades de origem. Nas sociedades de acolhimento, a necessidade de trabalhadoras tem vindo a permitir que as mulheres autóctones se dediquem às respetivas carreiras profissionais. A “complementaridade de competências” entre as mulheres imigrantes e as mulheres autóctones tem sido altamente benéfica para estas últimas, como observado no relatório da OIM de 2020.

Poderá assim haver uma relação entre a emancipação das mulheres autóctones, conseguida à custa da manutenção das mulheres imigrantes no desempenho de tarefas subalternas e mal pagas? Mas, mesmo para estas, o processo pode ser emancipatório (rendimento próprio, novos direitos, associativismo, exposição a diferentes formas de relacionamento entre mulheres e homens, etc.). Seria redutor, simplista e perigoso pensar que este é um processo ganhar-ganhar, mas não deve ser ignorada esta dinâmica de influência de processos.

Curioso?

Há por isso bons motivos para que as questões de género e a interseccionalidade sejam parte das soluções e da definição das políticas públicas dirigidas à integração na sociedade de acolhimento.

Há por isso bons motivos para no dia 8 de março refletirmos sobre as mulheres migrantes em nossa volta, nas suas histórias, nas suas vulnerabilidades, mas também no seu contributo para a sociedade de acolhimento.

Celebremos em Odemira essa diversidade e essa oportunidade.



(...) uma nova narrativa que apresente as mulheres em contexto migratório como titulares de direitos, agentes de desenvolvimento e líderes que trazem dinamismo para as suas sociedades de acolhimento.

(...) a new narrative that presents migrant women as right-holders, development agents and leaders who can help make their host societies become more dynamic.



home societies. Meanwhile, the need for female workers in host societies has allowed indigenous women to dedicate themselves to their respective professional careers. The “complementarity of skills” between immigrant women and indigenous women has been highly beneficial for the latter, as noted in the 2020 IOM report.

Could there be, therefore, a relationship between the emancipation of indigenous women, achieved at the expense of maintaining immigrant women in subordinate and poorly paid jobs? And yet, the process can be emancipatory even for migrant women (own income, new rights, associative activities, exposure to different forms of relationships between women and men, etc.). It would be reductive, simplistic and dangerous to think of this as a win-win process, but this dynamic of influence over processes should not be ignored.

Curious?

So there are good reasons for gender issues and intersectionality to be part of the solutions and the definition of public policies aimed at integration into the host society.

Just as there are good reasons for us to take time on the 8th of March to reflect on the migrant women around us and on their stories and vulnerabilities, as well as their contribution to the host society.

Let us celebrate that diversity and that opportunity in Odemira.

Costumes e Tradições Customs and Traditions

Nesta edição damos a conhecer a tradição do Holi, celebrada em inúmeros países.

In this issue, we tell you about the Holi tradition, celebrated in many different countries.



Há várias versões para a origem do Festival Holi. A mais usual é a história de Prahlad, que envolve Holika, um demónio feminino do qual, eventualmente, derivará o seu nome.

Prahlad era filho de Hiranyakashyap, um rei que exigia a adoração de todos os seus súbditos, incluindo a sua família, mas este recusou adorá-lo e manteve-se fiel ao deus hindu Lord Narayana (uma das formas e nomes de Vishnu). Irrado por não ser adorado pelo próprio filho, o rei resolveu matá-lo. Para isso, recorreu à sua irmã, Holika, que tinha o poder de não se queimar. Hiranyakashyap, pediu-lhe que entrasse com seu filho numa fogueira para que ele morresse queimado. Holika concordou, mas quando colocou o seu plano em prática, algo inexplicável aconteceu: Holika ardeu até à morte, enquanto Prahlad saiu ileso.

Prahlad foi salvo por Lord Narayana e desde então o Holi existe como uma celebração da vitória do bem sobre o mal.

Em países com uma grande percentagem de seguidores e praticantes das religiões Hindu e Sikh, tais como a Índia, o Nepal e o Sri Lanka, no dia após a lua cheia do mês de Phalguna do calendário Hindu, realiza-se o festival religioso “Holi”, ou festival das cores ou do amor (este ano ocorre a 7 de março). O festival tornou-se popular também entre outras comunidades a nível mundial, tendo perdido em alguns locais o seu cariz religioso. Nesta data, as pessoas vestem-se de branco e atiram pó e água coloridos uns aos outros, para celebrar o amor e a chegada da primavera.

Ana Tendeiro

There are various versions of the story around the Holi Festival's origin. The most common one is the story of Prahlad, involving a female demon called Holika, from whose name the festival's own name would ultimately derive.

Prahlad was the son of Hiranyakashyap, a king who demanded that all of his subjects adore him, including his own family. But Prahlad refused to do so, instead remaining faithful to the Hindu god, Lord Narayana (one of the forms and names of Vishnu). Angered by the fact that his son refused to adore him, the king decided to kill him. He enlisted the help of his sister, Holika, who had powers that protected her from burning. Hiranyakashyap asked her to sit with his son on top of a bonfire so that he would burn to death. Holika agreed, but when she put the plan into action something inexplicable happened. It was Holika who burned to death, while Prahlad escaped unscathed.

Prahlad was saved by Lord Narayana and, since then, the Holi Festival has served as a celebration of good over evil.

In countries like India, Nepal and Sri Lanka, which have large numbers of Hindus and Sikhs, the day after the full moon in the month of Phalguna on the Hindu calendar is set aside for the “Holi” religious festival, which is also known as the festival of colours or of love. This year it will take place on the 7th of March. The festival has also become popular among other communities worldwide and has lost its religious character in some places. On this date, people dress in white and throw coloured powder and water at each other to celebrate love and the arrival of spring.

